

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAINA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

**ORLANDINA MARTA DE SOUSA**

**A CATEGORIA LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

ARAGUAINA-TO  
2016

ORLANDINA MARTA DE SOUSA

**CATEGORIA LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em  
Geografia da Universidade Federal do Tocantins,  
como requisito na obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Kênia Gonçalves Costa

ARAGUAINA-TO  
2015

ORLANDINA MARTA DE SOUSA

**CATEGORIA LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito na obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Kênia Gonçalves Costa

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kênia Gonçalves Costa (Orientadora)

---

(Avaliador/a I)

---

(Avaliador/a II)

A toda minha família, em especial aos meus filhos : **Jamissom, Fredson, Joedson, Wedson, Silvana, Paulo Robson** e minha amada netinha: **Maisa**, pelo amor, carinho e compreensão, por suportarem toda minha aflição, cansaço e desespero em muitas vezes a ausência em casa.

A meu pai Sr. **Antônio Marta** (em memória) um homem exemplar, digno, trabalhador, que muito me ensinou no decorrer de minha vida, deixando-me um legado único e que levarei para sempre, através dos seus ensinamentos, de honestidade, perseverança para vencer os obstáculos que a vida trouxe. Não foi fácil chegar até aqui, mas sua história de vida pai foi um grande incentivador para que eu jamais desistisse. Gostaria muito que estivesse aqui do meu lado, nesse momento tão especial da minha vida para fazer maior minha alegria. Mas sei que ao lado de DEUS, sorrir pela minha conquista. Que também é sua paizinho !

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a **Deus**, por ter me conduzido até aqui, com sorrisos, choros, canção, mas cheguei é muito gratificante.

Tudo posso naquele que me fortalece. **Filipenses 4:13**

À professora Dr.<sup>a</sup> **Kênia**, por aceitar meu convite como orientadora, e pelo incentivo sempre e constante, a paciência, que a deu uma segura orientação e por toda a paciência de me acompanhar no meu trabalho de conclusão de curso.

Às amigas: **Vilma, Benedita e Odília**, pois sempre estiveram juntas comigo nessa caminhada tão árdua, amigas inesquecíveis que guardarei para sempre em meu coração.

À Universidade Federal do Tocantins por tornar possível à realização de mais um sonho, que consistiu na formação e graduação do curso de Geografia.

Dedico essa vitória alcançada antes de tudo a **Deus**, que me deu toda força, vontade e coragem para chegar ao fim dessa caminhada.

**ESCOLA DA VIDA**

*A vida é um eterno aprendizado. Aprende-se em casa, aprende-se nas escolas, aprende-se com os velhos, aprende-se com os jovens, enfim, aprendemos com as lições da vida, a sempre boa e experiente escola do mundo.*

Márcio Souza.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Geografia tem a finalidade de analisar a importância do ensino de geografia no ensino fundamental nas escolas. A geografia no ensino fundamental como as outras ciências sofreu ao longo dos anos grandes mudanças, hoje não podemos falar de uma geografia apenas do estudo físico da natureza, mas também da interação homem/meio, sociedade/natureza. Atualmente o ensino de geografia no ensino fundamental possui especificidades didáticas e pedagógicas as quais podem tanto dificultar como aproximar o processo de ensino-aprendizagem ao universo vivido e percebido pelos educandos, para conceber um espaço geográfico mais humanitário. Ainda sobre o ensino de geografia no ensino fundamental, é preciso também interpretar e problematizar os fenômenos espaço-temporal na perspectiva de propiciar ao educando conhecer e desenvolver o espírito investigativo e, estabelecer sua comunicação corporal, afetiva e social com os elementos do espaço geográfico, além disso, é claro que não deixamos de mencionar a leitura, a escrita e a discussão como focos principais, dos diversos temas que precisam ser garantidos como procedimentos fundamentais para a formação cidadã em relação à metamorfose do mundo contemporâneo. A compreensão acerca do desdobramento da Geografia na prática escolar no ensino fundamental requer um entendimento das diversas abordagens que a ciência apresenta ao longo do tempo para que a análise possibilite uma visão mais totalizadora e compreensiva aos educandos no início de seu aprendizado.

**Palavras-chaves:** Aprendizado. Geografia. Ensino Fundamental. Escola.

## ABSTRACT

This final paper of Geography course aims to analyze the importance of geography teaching in primary education in schools. The geography in elementary school as the other sciences suffered over the years great changes, today we can not speak of a geography just the physical study of nature, but also the interaction man / environment, society / nature. Currently geography teaching in primary education has didactic and pedagogical specificities which can either hinder how to approach the teaching-learning process to the universe lived and perceived by students to design a more humane geographical space. Still on the teaching of geography in elementary school, we must also to interpret and discuss the phenomena space-time with a view to provide to the student know and develop investigative spirit and establish your body, emotional and social communication with the elements of geographical space, in addition, of course not fail to mention the reading, writing and discussion as the main focuses of the various issues that need to be guaranteed as fundamental procedures for citizen training and the metamorphosis of the contemporary world. The understanding of the unfolding of Geography in school practice in elementary school requires an understanding of the various approaches that science has over time so that the analysis allows a more all-encompassing and comprehensive vision to students early in their learning.

**Keywords:** Learning. Geography. Elementary School. School.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A GEOGRAFIA EM CONTEXTO.....	12
1.1. A Geografia como Campo do Conhecimento.....	13
1.1.1. A Geografia Escolar.....	14
2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS NO SÉCULO XXI .....	16
2.1. O ensino de Geografia no Ensino Fundamental no Brasil.....	18
2.2. Parâmetros Curriculares no Ensino Fundamental.....	20
2.3. O Currículo de Geografia no Ensino Fundamental .....	22
3. O MEDIADOR DO CONHECIMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA.....	26
3. 1. A Formação do Docente .....	26
3. 2. O Planejamento e a Prática Pedagógica do Professor.....	28
3.3. A Geografia e o Cotidiano do Estudante do Ensino Fundamental .....	31
4. EXPERIÊNCIA PESSOAL COMO DOCENTE.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	41

## INTRODUÇÃO

A Geografia como Ciência Social, tem buscado constantemente o entendimento e a necessidade de uma prática de intervenção para tantas mudanças em nosso planeta em consequência da ação do homem, que por não ter a preocupação de estar buscando uma forma de garantir sua sobrevivência, vem causando sérios danos ambientais ao planeta.

É necessário a incubência de formar cidadãos conscientes, e para tanto é necessário inserir cada vez mais cedo as crianças no mundo, em busca de melhorias para nossa sobrevivência, pois é necessário conscientizar para o uso sustentável, pois só assim a humanidade pode viver em harmonia com o ambiente, preservando assim o planeta e a acima de tudo sua própria existência, através da ocupação ordenada e que não agrida o meio ambiente, possibilitando assim, que às futuras gerações encontrem espaços onde não lhe falte água, comida lazer, etc.

A falta de informação ou a informação repassada de forma errônea ou sem detalhes importantes às novas gerações, talvez seja o fator principal para essa desordem em nosso planeta, onde os seres vivos em especial o ser humano que é o causador desta desordem, vem sentindo os reflexos das ações de degradação.

Toda criança ao ser submetida ao ambiente escolar, deve desde logo começar a entender porque temos que usar sem deixar faltar e para isso esse aluno deve se sentir parte integrante para que entenda a necessidade de preservar. Essa criança já tem um aprendizado de vida antes mesmo de começar estudar, mas antes do ambiente escolar aprendemos uma leitura que nem sempre faz com ele reflita sobre as transformações que o planeta vem sofrendo ao longo dos anos.

A metodologia utilizada neste trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica com base no autor Straforini (2008). Aonde percebe-se que o ato de educar, consiste num processo de formação o qual levará a uma educação de qualidade, onde o aluno é o sujeito portador de cultura e identidade própria e o professor é o sujeito capaz de despertar neste o conhecimento já existente a fim de se aprimorar e ampliar com os novos métodos de ensino.

A pesquisa objetiva abordar o ensino da geografia, demonstrando a importância da mesma na formação pessoal e intelectual do ser humano ainda no ensino fundamental, e pretende demonstrar a importância do ensino da Geografia nos anos iniciais do ensino, através de uma perspectiva teórica, baseada em publicações de estudiosos especialistas do tema. É importante que fique claro para os estudantes que estudar geografia não se dá apenas com

leitura de livros, mas também com o observar e interpretar do indivíduo no meio social. É fundamental que pais e professores compreendam a dimensão da disciplina de geografia favorecendo o incentivo pela busca de conhecimento.

Conforme Piaget (1971, p. 23) “O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores”. O objetivo da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. Pode-se perceber que atualmente o mundo está interligado através de um sistema de redes, onde as distâncias foram diminuídas pelos avanços informacionais e principalmente pela internet.

Com isso fica evidente que o ensino da geografia não perdeu espaço, mas sim ganhou fortalecimento para o seu conhecimento analítico, crítico, reflexivo, sendo capaz de construir cidadãos com novos conhecimentos visando o desenvolvimento próprio e do outro como um todo.

Justifica-se a escolha do tema devido a importância do ensino da Geografia, em busca de saber um pouco mais, buscar explicações para tantas coisas da natureza que me encantam, buscando também entender a distância que existia de ensinar Geografia do nível fundamental ao superior.

O trabalho é apresentando em três capítulos, subdivididos em tópicos e os subtópicos, onde será demonstrado a importância de ensinar Geografia no ensino fundamental, baseado em trabalhos publicados e na experiência educacional da autora deste estudo.

## 1. A GEOGRAFIA EM CONTEXTO

A Geografia nos permite estudar os elementos físicos e naturais que compõem a superfície terrestre, no entanto a Terra não é composta somente por esses elementos, é uma ciência que tem por objetivo estudar o espaço geográfico resultado da articulação entre a natureza e a sociedade em sua distribuição pela superfície da Terra. É também uma ciência de observação do espaço real, do espaço produzido pela complexa rede de fenômenos sociais e naturais. Por meio de seu objeto de estudo, a Geografia pode e deve oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla.

Toma-se como referência, o conceito expresso por Santos (1997, p.23), no qual o espaço geográfico constitui “um sistema de objetos e um sistema de ações” o autor ainda explica que:

É composto por um conjunto indissociável, solidário e conflitante, de sistemas de objetos e sistemas de ações, como um quadro único na qual a história se dá. No início a natureza pura que aos poucos vão sendo transformada por objetos fabricados, fazendo com que a natureza artificial (SANTOS, 1997, p. 23).

Mediante esse pensamento pode-se inferir que a natureza artificial ocupe o espaço natural de tal maneira que não se sabe ao certo qual delas concordar com a necessidade do homem que sempre busca modificar o seu entorno em busca de lucro, e do seu bel prazer, que muitas vezes é conquistada com a desvantagem do próximo. E para que a criança possa entender esse processo, ela tem que ser considerada sujeito transformador, crítico; e para que ela esboce sua colaboração é necessário entender que os recursos naturais são esgotáveis, por isso deve-se fazê-lo entender que cuidar é o melhor caminho para que nunca falte.

O aluno muitas vezes não tem reconhecido o seu aprendizado, o que antecede a sua vida escolar, por isso, não tem noção de como deve se comportar diante dos desafios que é apresentado no cotidiano, e para tanto, esse aluno deve ser considerado como alternativa de viabilizar a sua compreensão sobre as transformações que ocorrem à sua volta, e que muitas vezes não dar-se a devida importância.

Não se pode esquecer que o estudo da geografia é constituído a partir de um corpo conceitual e de conhecimentos assentados sobre os conceitos de tempo, espaço, cultura, sociedade, poder, relações econômicas e sociais, natureza, lugar, região, território e paisagem.

É necessário, nesse sentido compreender quais os objetivos dessa ciência, para melhor estabelecer critérios de aplicação de seu conteúdo no processo ensino e aprendizagem. Pode-se dizer que seu objetivo principal é compreender as dinâmicas espaciais, que se desenvolvem

sincrônica e diacronicamente, produzindo, reproduzindo, organizando e transformando o espaço geográfico nas escalas local, regional, nacional e mundial.

Na atualidade, a ciência geográfica assume um papel de grande relevância na formação social de cidadãos conscientes e responsáveis. A geografia contemporânea é uma ciência viva, um instrumento de construção, análise e compreensão do mundo.

Uma disciplina escolar só se sustenta e toma corpo quando ela se fundamenta teórica-metodológica e epistemologicamente na própria disciplina e nas teorias educacionais, ou seja, na psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento. A busca dessa fundamentação exigirá um grande esforço dos professores das séries iniciais, das escolas, faculdades públicas e particulares e do Estado, nos seus níveis federal, estadual e municipal, representado pelas secretarias de educação e suas repartições (STRAFORINI, 2008, p. 78).

Aqui o autor aponta para a necessidade de se preparar cidadãos capazes de dominar o ato de ensinar em qualquer esfera que se encontrar, seja nas séries iniciais, no ensino médio ou em uma universidade federal ou particular, pois essa distinção de uma ou outra, só faz com que se note que só vale o capital.

### **1.1. A Geografia como Campo do Conhecimento**

As crianças no início do período escolar não imaginam como tantas transformações já ocorreram desde que o homem começou a fixar moradia e plantar para o sustento da comunidade, e que diante da descoberta, que plantando se colhia, o homem era regido pela natureza, buscando obedecer as fases da lua para plantar, caçar, pescar e armazenar o excedente do que colhia para não desperdiçar. O saber do homem naquela época era empírico, sem uma visão do futuro cheio de ambições, e quando o homem começou vê que em determinado lugar era melhor que em outros, começou a especulação por terra, por lucro, explorando os mais fracos, para com isso obter status e poder (CEDES, 1996).

É nesse momento de dúvida que o professor deve esboçar seu conhecimento, para orientá-los da maneira mais original, pois com a tecnologia que se tem hoje, não é fácil voltar aos tempos remotos, e fazê-los entender o porquê de tantas preocupações em relação ao nosso planeta. Pereira (1996, p.19) relata que:

Estudar o espaço que habitamos ou até mesmo por nós pouco conhecido, é muito importante, pois, conhecê-lo, é também nos conhecermos. A busca pelo estudo do espaço faz parte de algo recente, pois há muito se tem discutido sobre esse enfoque.

Analisando esse pensamento é bastante preocupante, sabendo que pouco é feito para que esse saber seja do interesse de todos, e que a maioria das pessoas, nada faz para que a situação do nosso planeta mude, para o benefício de todos, os hábitos antigos bem como as práticas da queimada, desmatamento, poluição das águas, do ar, são fatores preocupantes.

No entanto, delineando o que se está entendendo por Geografia, pode-se dizer que é aquela ciência que se debruça em estudar a configuração espacial resultante das relações sociais que acontecem em determinados tempo e espaços. Se é assim pode-se considerar a afirmação de Santos (1997 p. 51) ao dizer que “a configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelas relações sociais”. Mas pensar em tempos e espaços significa dar atenção às formas de organização das sociedades ao longo de sua história.

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. A medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fabricas, cidades, etc.; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza, natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (SANTOS, 1997, p. 51).

### **1.1.1. A Geografia Escolar**

O ensino de geografia nas escolas, muitas vezes, deixa de abordar a globalização, uma quebra de barreiras que torna um mundo um só lugar, sem distinção, pois com essas redes sociais tudo fica conhecido, mesmo que não se entenda isso ou aquilo, nós temos tudo bem perto de nós. Por isso o professor deve estar sempre informado dos acontecimentos em outras partes do planeta, e porque está ocorrendo essas transformações, como um deslizamento, um grande alagamento, um forte vendaval, etc., pois a criança assiste a notícia na televisão, mas não entende seus motivos, é aí que o professor tem a devida capacidade de explicar o porquê desses fenômenos, pois ele está sempre buscando informações da atualidade, deixando claro, que antes do homem agir de maneira impensada o planeta suportava esses fenômenos sem causar danos ao meio ambiente.

A Geografia escolar deve sempre buscar discutir o agora, mas sempre exemplificando o passado, deixando o aluno consciente de que o homem sempre tem dado sua contribuição para que o planeta não tem como, sozinho se manter equilibrado, por isso tem que agir calculando cada atitude em relação ao futuro.

A geografia escolar se encontra em crise em meio a tantas falta de recursos didáticos, falta de planejamento político, e social, sabe-se que a crise educacional brasileira encaixa-se perfeitamente no atual estágio da globalização que se apresenta para a maioria da população de forma perversa. Straforini, (2008, p. 48), diz que:

A política educacional visava, sobretudo, resultados estatísticos satisfatórios de aprovação e maior tempo de escolaridade em detrimento da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, incentivando a essência da cultura no seio do sistema educacional. Cobradas, as escolas esforçam-se na busca de tais resultados divulgados nos meios de informação, utilizados pelo poder público como instrumento de distribuição de verbas.

Essa afirmativa do autor, só reforça a falta de profissionais nessa modalidade de ensino nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois muitas pessoas depois de formados procuram ingressar em outros mercados de trabalho, também outro fator que deixa em dúvida a decisão de ingressar na educação, é a violência no ambiente escolar, pois os professores estão perdendo o poder sobre os alunos, atitude que faz com que a cada dia as crianças tomem atitudes precipitadas por achar que a impunidade é certa.

## 2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS NO SÉCULO XXI

O ensino de geografia nas séries iniciais, nesse século, não se preocupa apenas com o conteúdo, mas, sobretudo com a formação do estudante. Neste sentido, é que muitos professores se recusam a utilizar práticas que alienem o aluno, que o afastam do conhecimento de sua realidade social concreta, muitos professores não querem apenas reproduzir conteúdos, mas preparar o educando para a vida e o futuro, com um conhecimento que satisfaçam as suas necessidades (VESENTINI, 2009).

Segundo Straforini (2008), é preciso, então, buscarmos as bases que explicam o mundo presente e articulá-las no processo de ensino-aprendizagem. Faz se necessário, dessa forma elucidarmos a nossa visão de mundo. Essa visão de mundo é entendida, aqui, como método que conduzirá todo esse trabalho. Para o autor é no estudo do mundo presente, que o aluno começa entender como ocorrem as mudanças ao longo dos anos, décadas ou séculos, partindo do pressuposto que tudo que vivemos hoje é apenas uma sombra do que foi antes.

O importante é a capacidade do educador em se manter atualizada, aprender e também as habilidades e competências para tal ou qual profissão. A educação deve se preocupar em desenvolver as habilidades e potenciais de cada indivíduo. Levar o aluno a compreender o mundo em que vive, sua complexidade e as diferenças.

A geografia segundo Cavalcanti (2002), tem procurado pensar a sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, questionando os métodos convencionais e postulando novos. Diante das mudanças no âmbito social, econômico e tecnológico que o mundo vivencia, é necessário pensar o ensino de geografia praticado hoje. Essa realidade demanda novas habilidades por parte da escola e de seus professores. A criança não aceita mais ficar passivo diante do processo de ensino aprendizagem, ela quer encontrar um assunto que o leve a manifestar sua opinião, sentir-se parte interessada a defender seu espaço, e com isso se sentir importante ao perceber que também tem seu ponto de vista respeitado.

A realidade da sala de aula tem mostrado que é um desafio atingir os objetivos propostos pela Geografia. Seria muito mais fácil aplicar metodologias mnemônicas, como a ação de transcrever o que está no livro didático, tendo-o por única fonte de informações para as aulas. Uma metodologia comum hoje no ensino da geografia é focalizar no conteúdo como sendo o objetivo da aula, algo que promove uma aula decorativa e semelhante às práticas do início do século (PEREIRA, 1996).

As crianças querem entender o porquê dos fenômenos, das transformações, por isso a necessidade urgente do professor aprender a trabalhar uma geografia que leve em consideração os aspectos da cotidianidade do educando, respeitando a sua cultura e diferenças locais e regionais. Por isso, o ensino de geografia precisa ir além de aulas teóricas e manuseio do livro didático, a criança precisa conhecer os aspectos físicos do seu lugar, o seu bairro, a sua comunidade, mas de forma lúdica e contextualizada (VLACH, 2004).

Por meio de uma participação mais plena no ensino da geografia por parte do docente é provável que haja um melhor aproveitamento no conhecimento do espaço geográfico, o que implicará nas perspectivas desses alunos serem mais aplicados e satisfeitos por estudar a Geografia de forma mais voltada para conscientização dos educandos.

Atualmente, contudo, a realidade mostra que o ensino de Geografia tem tido pouca valorização. Os alunos continuam diante dos professores, esperando mais interesse e determinação para com eles. E que Geografia ensinaremos? Na prática em sala de aula percebe-se a necessidade dos professores estarem sempre se autoavaliando para corrigir a tendência de não voltar ao tradicionalismo. Reconhecemos que a escola produz conhecimento e que os alunos se empenham mais quando consideramos suas realidades.

No transcorrer das propostas do ensino da Geografia (quer clássica, moderna ou crítica), podemos notar que pode ser ensinada para várias finalidades, o que realmente ocorreu e ocorre. Para que a atual prática em sala de aula não seja algo distante da realidade dos alunos, ou algo que não atente para uma mudança no ensino dessa disciplina escolar, é primordial tornarmo-nos mais conscientes de que é preciso uma melhor preparação para as atividades escolares dentro e fora da sala de aula.

Apesar dos desafios para superar, mudanças ocorreram um grande esforço dos professores para que a Geografia permanecesse como disciplina escolar que os estimula a lutar por um ensino de qualidade. Uma melhor conscientização dos objetivos da Geografia está posta. O livro didático pode ser utilizado como instrumento metodológico numa prática de ensino adequada e a partir de uma participação mais clara na prática do ensino da geografia, por parte do professor é provável que ocorra um melhor aproveitamento na compreensão do espaço geográfico. Para tanto, se faz necessário entender como é visto o ensino de geografia no Brasil.

## 2.1. O ensino de Geografia no Ensino Fundamental no Brasil

O ensino de Geografia passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário no país a partir promulgação da Lei Orgânica do Ensino Primário, também denominada de Lei Orgânica do Ensino Normal em 1946, conhecida como “Reforma Capanema”. Até aquele ano, a Geografia fazia parte desse nível de escolaridade de forma indireta, pois os conteúdos geográficos eram estudados em textos dos livros didáticos que os professores selecionavam. Os dados geográficos eram apresentados de forma descritiva, com a predominância do enciclopedismo e da descontextualização.

O ensino de Geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras. Isso não impediu, porém, que aparecesse de maneira indireta nesses estabelecimentos. Sua presença ocorria por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos eram dedicados à descrição do seu imenso território com ênfase para suas dimensões e belezas naturais (VLACH, 2004. p, 189).

A Reforma Capanema foi, então, a responsável pela inclusão da Geografia nas classes do Ensino Fundamental elementar e complementar, de acordo com as propostas da Escola Nova, o Ensino Primário tem a função de promover o desenvolvimento geral do aluno e não apenas a leitura e a escrita. Desse modo, a reestruturação curricular da educação, de forma geral, e também o ensino de Geografia foram ao encontro das necessidades de assimilação de conhecimentos úteis para a vida em sociedade.

Durante 15 anos ocorreram amplos debates até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961. Que era bem menos pretensiosa que a lei de 1946. Além disso, a orientação curricular era bem mais flexível. De acordo com as regulamentações promovidas na Lei n.º 4.024/61, bem como a reforma que iria se concretizar com a Lei n.º 5.692/71, tinham o objetivo de alinhar o sistema educacional aos planos do estado capitalista militar, a fim de adequar a educação à ideologia do “desenvolvimento com segurança” (ZOTTI, 2004).

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, teve como pontos mais inovadores os que se referiam ao ensino médio e superior e aos recursos para a educação. O incentivo a um ensino mais flexível, a fim de se tornar mais eficiente; a melhor equivalência dos cursos; a determinação de elevar o padrão universitário; a flexibilidade curricular. Todas essas providências resultaram numa grande transformação de mentalidade na educação brasileira, até que sobreveio, em 1971, a reforma do ensino de 1º e 2º graus (CURY, 2014).

Dessa forma, com a flexibilidade o currículo real de cada estado passou a ser organizado de acordo com as suas peculiaridades e necessidades. Como a Geografia não colaborava para a realização dos objetivos políticos e ideológicos daquele momento, o governo Jânio Quadros instituiu a Educação Moral e Cívica (EMC) em todos os níveis da rede de ensino. Assim, o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental sofreu duplamente as conseqüências da LDB de 1971, posto que a flexibilidade curricular da nova lei permitisse a cada estado fazer novos arranjos.

Cada órgão estadual de educação se organizava de acordo com seus recursos humanos e com a instituição disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) os professores, ao se organizarem na sua prática docente, viam uma aproximação muito grande nas questões tratadas nas disciplinas de Geografia e na Educação Moral e Cívica (EMC), haja vista que, de acordo com as determinações do Governo, tais disciplinas deveriam ser trabalhadas em círculos concêntricos, sob a égide de Deus e da pátria, englobando num leque maior a família e a comunidade.

É o que se pode extrair da afirmativa de Cunha e Góes (1985, p. 53).

A intenção era a de enquadrar o indivíduo em uma sociedade harmônica baseada no lema Deus, Pátria e Família, com ênfase para os papéis individuais como meio de progresso e bem-estar de todos. Cada cidadão deveria ser cumpridor de seus deveres e, como conseqüência, merecedor de direitos. O conteúdo do Ensino Primário estava centrado na relação família, escola e comunidade como forma de celebrar a coesão social e condenar os comportamentos desviantes desse padrão.

Percebe-se diante desse quadro que o vínculo disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC) com a Geografia era muito estreito, a ponto de determinar que a primeira devesse trabalhar em função da tríade família, comunidade e nação. Entendia-se que esses assuntos substituiriam as temáticas geográficas em face da grande deficiência na formação de professores do ensino fundamental. Assim, a assimilação ideológica seria facilitada, a prevalecer o raciocínio dos idealizadores de todo o processo.

Com a reforma da LDB em 1971 foi introduzida a matéria Estudos Sociais no currículo das escolas primárias visando à substituição de Geografia e História. A implantação da disciplina Estudos Sociais, somada ao ensino da Educação Moral e Cívica (EMC), acarretou muitos problemas que podem ser detectados na escola base ainda hoje (MARQUES, 2008).

Apesar da Lei 9.934/96 aprovada para servir de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, apesar de propor inovações, não gerou acesso efetivo a uma educação de qualidade

a uma expressiva parcela da população que fica excluída também de outros processos sociais. Permanecem inconclusos os temas relacionados à: busca pela melhoria da qualidade educacional, formação e aperfeiçoamento dos docentes, autonomia universitária e universalização do ensino fundamental (CERQUEIRA *et al.* 2011).

Dourado (2001) enfatizou que nos anos 1990, o Brasil intensificava ações políticas e reformas educacionais em sintonia com a orientação de organismos internacionais, cuja tradução mais efetiva é expressa pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei nº 9394/1996). Ao longo do tempo as necessidades da educação nacional foram se modificando, porém o processo de ajustes sofrido pela LDB não acompanhou essa transformação, imputando assim, algumas deficiências e ambiguidades na redação legislativa de cada reforma. Gracindo considera (2008, p. 220-221) que:

Ao longo desses dez anos pós LDB, as políticas educacionais sofreram mudanças tanto na legislação como nos programas e projetos, no entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs estiveram certa continuidade, na medida em que foram revistas ou revisitadas (as primeiras) ou deixados em *stand-by* (os segundos).

No que se refere aos programas e projetos como: do transporte escolar, da alimentação escolar, do livro didático, da formação dos professores, da avaliação de desempenho foram modificados ou ampliados ao longo desses dezenove anos. Com esta explanação procurou-se evidenciar, desde a edição da LDB de 1996, a educação brasileira sofreu algumas modificações. No que diz respeito à expansão do atendimento, houve progressos em todos os níveis e modalidades de ensino (CASTROGIOVANI, 1999).

Deste modo, a prática da lei deve ser considerada uma das prioridades da educação, tendo em vista que o progresso do sistema educacional acontece a partir dos aperfeiçoamentos que são introduzidos ao longo do processo de transformação, acompanhando a realidade da educação.

## **2.2. Parâmetros Curriculares no Ensino Fundamental**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros,

principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual (GEBRAN, 2003).

Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de professores e equipes pedagógicas (BRASIL, 1997).

Acredita-se que o conhecimento geográfico no âmbito do Ensino Básico e, sobretudo, nas séries iniciais precisa redimensionar as competências e as habilidades conforme os níveis cognitivos dos educandos para formação de conceitos e, sobretudo, para a vida. Com esses princípios e de acordo com as diretrizes dos PCNs (Parâmetro Curriculares Nacionais) e com as especificidades da comunidade escolar do ensino de geografia no ensino fundamental.

Como se pode observar, o ensino de Geografia no ensino fundamental é estruturado a partir de competências, habilidades básicas e categorias geográficas. Dessa forma, relatarei agora alguns procedimentos de ensino e princípios pedagógicos utilizados na sistematização das aulas de Geografia no ensino fundamental. De modo geral, pode-se dizer que os procedimentos de ensino-aprendizagem foram desenvolvidos a partir de tais princípios entre eles temos:

- Lugar, espaço vivido (Observação, descrição, croqui, trabalho de campo e, etc);
- Cidade (espaço urbano – público e privado, violência e, etc);
- Simulação (desenhos, círculos concêntricos, maquetes e, etc.)
- Jogos (localização, itinerários, ecológicos e, etc.);
- Alfabetização cartográfica (croquis, mapas, cartas, gráficos e tabelas);
- Projetos de pesquisa (Pesquisa-Ação).

Rigonato (2007) afirma que é preciso transcender a Geografia descritiva e enciclopédica. Para tanto, as discussões teóricas e metodológicas precisam ser discutidas, debatidas e refletidas com os profissionais da educação nas séries iniciais. Mas, para isso necessita acreditar que estes educadores são capazes de apreender as novas metodologias e práticas de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as políticas públicas e investimentos privados

precisam propiciar condições de trabalho para que esses profissionais continuem, ou melhor, insiram nos processos de formação continuada.

### **2.3. O Currículo de Geografia no Ensino Fundamental**

Analisando sobre esta perspectiva em função das capacidades próprias da fase de desenvolvimento das crianças que são alunos da educação básica cabe questionar quais recursos didáticos facilitarão o trabalho com a geografia possibilitando a assimilação concreta dos conteúdos. Conforme aborda Callai (2005, p.56):

Atualmente a sociedade exige da escola “uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criatividade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autoria própria” Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, então a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo.

É importante reavivar que o currículo do ensino da Geografia costuma ter pré-requisitos, nas competências desenvolvidas para auxiliar as pessoas na compreensão do espaço, e é nessa direção que, nas escolas do ensino fundamental, uma parcela razoável dos professores de Geografia considera ser básico, para desenvolver a aprendizagem da orientação e localização espacial. Currículo pode ser entendido e/ou conceituado de varias formas como:

- conjunto de conhecimentos ou matérias a serem superadas pelo aluno dentro de um ciclo nível educativo ou modalidade de ensino é a aceção mais clássica e desenvolvida;
- programa de atividades planejadas, devidamente sequencializadas, ordenadas metodologicamente tal como se mostram num manual ou num guia do professor;
- também foi entendido, às vezes, como resultados pretendidos de aprendizagem;
- concretização do plano reprodutor para a escola de determinada sociedade, contendo conhecimentos, valores e atitudes;
- experiência recriada nos alunos por meio da qual podem desenvolver-se;
- tarefa e habilidade a serem dominadas como é o caso da formação profissional;
- programa que proporciona conteúdos e valores para que os alunos melhorem a sociedade em relação à reconstrução social da mesma (SACRISTAN, 2000, p. 14).

Ainda segundo o autor quando se considera o currículo tão somente como um documento impresso, uma orientação pedagógica sobre o conhecimento a ser desenvolvido na

escola ou mera lista de objetivos, métodos e conteúdos necessários para o desenvolvimento dos saberes escolares, despreza-se seu caráter político, sua condição de elemento que pressupõe um projeto de futuro para a sociedade que o produz.

Faz-se necessária, então, uma análise mais ampla e crítica, ancorada na ideia de que, nesse documento, está impresso o resultado de embates políticos que produzem um projeto pedagógico vinculado a um projeto social. É importante destacar que as disciplinas escolares, apesar de serem diferentes na abordagem, estruturam-se nos mesmos princípios epistemológicos e cognitivos, tais como os mecanismos conceituais e simbólicos (LOPES e MACEDO, 2002).

O currículo como documento deve ser objeto de análise contínua dos sujeitos da educação, principalmente a concepção de conhecimento que ele carrega, pois, ela varia de acordo com as matrizes teóricas que o orientam e o estruturam. Esse tipo de currículo pressupõe que o “processo de ensino deve transmitir aos alunos a lógica do conhecimento de referência” (LOPES e MACEDO, 2002).

O professor trabalha noções que agregadas pelo aluno, tornam-se conceitos que é constituído por uma noção comum, mais conhecido como *sensu comum*.

Vale ressaltar a importância da concretização do conhecimento por parte do aluno para que faça uso, com propriedade, do conhecimento adquirido, estabelecendo relações entre hipóteses e soluções de problemáticas voltadas a seu mundo. Por exemplo, uma pessoa forma um conceito básico de casa. Uma casa é feita de tijolos, ou de madeira, tem cobertura, janelas e portas. As demais características de uma casa são fruto de observações peculiares de cada tipo de casa, apartamento, sobrados. Sendo assim, cada aluno traz consigo conceitos, fruto de sua vivência, na qual o professor deve considerar como importante para o aprimoramento do conhecimento e a importância que tem os conhecimentos prévios dos alunos, sempre que inicie um novo tema.

Visto que a escola busca educar para a cidadania, ela está sempre criando novas formas de construção do conhecimento, fazendo com que as novas tecnologias se tornem sua aliada para o aprimoramento e a qualidade da educação.

Vivemos hoje uma explosão tecnológica, com Wikipedia, Google, Facebook, Twitter e tantas outras iniciativas que nos permitem acessar conhecimentos e socializá-los pelo planeta afora de uma maneira inimaginável em outras eras. A educação tradicional, sentada em cima deste vulcão de transformações, começa a sentir um calor crescente. Por enquanto, apenas acomoda-se o melhor possível. Mas as transformações terão de ser sistêmicas (DOWBOR, 2013, p.4).

Conforme, o autor é essencial compreendermos e nos utilizarmos das novas tecnologias a favor do ensino da geografia no ensino fundamental, onde o aluno constrói a visão de mundo a partir de espaços e tecnologias que o cerca. Várias são as tecnologias digitais que podem ser utilizados pelos professores para desenvolver habilidades e competências e contextualizar suas aulas. Alguns recursos como softwares, jogos educativos, vídeos e a internet auxiliam relacionar os conteúdos como, por exemplo:

- *softwares* voltados ao âmbito educacional, os quais podem ser utilizados segundo o interesse e a necessidade dos professores, pois são um ótimo recurso didático-pedagógico. Basta buscá-los na internet ou então construir os seus de acordo com o que for preciso e as habilidades.
- jogos educativos, feitos a partir de softwares gratuitos que envolvem e desenvolve a criatividade dos alunos.
- Vídeos elaborados com o recurso do software *Movie Maker* utilizados na edição de vídeos e aplicativo desenvolvido para criar e editar vídeos, com vários recursos (corte, junção de vídeos caseiros, apresentação com fotos, efeitos como trilha sonora, imagens...). A ferramenta permite salvar em vários formatos e até publicar na internet.
- *Audacity* – é um programa software livre e gratuito de código fonte aberto para edição de áudio digital. Usado para gravação e reprodução de sons, edição simplificada como cortar, copiar, colar, apagar e remoção de ruídos.
- O *Puzzle Fast* é um aplicativo da web que permite a criação de palavras cruzadas, caça-palavras e outros tipos de desafios em poucos minutos, podendo ser impresso ou publicado para resolução online.

Além de muitos outros aplicativos que a escola tem a seu dispor, dando-lhe suporte na transmissão do conhecimento. O aluno é um sujeito ativo em seu processo constante de desenvolvimento, portanto, cabe ao professor ser o mediador no processo ensino-aprendizagem e, dessa forma, ser o elo entre este sujeito e o conhecimento a ser adquirido pelo mesmo. O ensino da geografia passa a ter destaque, diante de uma posição que visa contribuir para o crescimento intelectual e social do ser humano.

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia necessariamente deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas este presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2004, p.51).

O ensinar geografia na sociedade de hoje exige do professor atitudes que lhe possibilitem embasamento para distinguir as mudanças do mundo contemporâneo, considerando uma teoria que responda ao conhecimento do mundo, analisando as transformações, os questionamentos e as críticas, que as novas tecnologias nos impõem como meio à compreensão do espaço vivido no âmbito de tornar eficaz o pensar geográfico, avaliando suas práticas, de acordo com a realidade do aluno e as ferramentas disponíveis para exercer o conhecimento em sala de aula, de forma mais didática possível.

### **3. O MEDIADOR DO CONHECIMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA**

A forma como está sendo trabalhada a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, permite constatar a grande distância do que é preconizado pela Geografia Escolar e pela Educação Geográfica diante da realidade da escola. Constata-se que Geografia (como conteúdo escolar) na realidade da escola atualmente inexistente, pois o pouco que é trabalhado se insere dentro dos Estudos Sociais que genericamente aborda temáticas que dizem respeito à Geografia.

Acadêmicos da licenciatura em Geografia ao observarem nas escolas, o trabalho que é realizado no ensino fundamental, constatam que não há consideração como aprendizagem geográfica, que não são abordados nos conteúdos e nem trabalhadas as habilidades necessárias para aprender geografia.

#### **3. 1. A Formação do Docente**

Como a formação docente está mais centrada na discussão pedagógica e didática, seria de acreditar que esta dimensão seria o ponto forte dos profissionais que ali atuam. A partir das observações realizadas a constatação é de que nos documentos escolares, nos planos pedagógicos e no discurso tudo se apresenta como construtivista e com o incentivo aos estudantes para pensar e que o conhecimento é construído na inter-relação professor e aluno, mas na realidade, não é isso o que acontece. As aulas são extremamente teóricas, quer dizer expositivas e com o aluno fazendo pesquisas. Estas são feitas com um determinado tema, que o aluno deve procurar para aprender, mas que na prática significa fazer cópia de livros e em alguns casos, cada vez mais frequentes na internet. E outro tipo de atividade é fazer mapas, quer dizer copiar o mapa do livro e muitas vezes a mão livre (CASTELAR, 2005).

Outra constatação é de que a geografia ainda é dada de maneira tradicional levando sempre em conta o currículo, através dos círculos concêntricos. Os conteúdos são pré-estabelecidos considerando-se a dimensão do espaço absoluto, partindo sempre do mais próximo e seguindo com a ampliação dos espaços cada vez mais distantes. A escala de análise não é considerada em sua complexidade na/da vida real. A ideia de espaço absoluto

predomina mascarando o entendimento das questões da vida que são dinâmicas e muitas vezes cheias de contradições que precisam ser administradas.

Os professores que atuam nas séries iniciais têm a formação centrada nos aspectos pedagógicos que dizem respeito ao ensino-aprendizagem de crianças que estão dando início ao seu processo de escolarização e formalmente aprendendo a ler e a escrever.

Trabalhar com os conceitos, de um modo geral considera-se que esses são pouco trabalhados, na maior parte das vezes eles são apresentados como prontos e acabados, sem levar em conta o que o aluno já conhece e nem com a possibilidade de construí-los. Isso reporta a afirmação que o aluno pode entender o que acontece no lugar em que ele vive, não é resultado apenas do voluntarismo das pessoas do lugar, mas muito mais que isso é um jogo de relações centradas em interesses, muitas vezes nem manifestos, que, todavia interferem significativamente na vida e na organização do espaço (LIBÂNEO, 1990).

No entanto na prática desenvolvida nas aulas, nada disso acontece, pois os conteúdos fragmentados em tempos e espaços considerados em sua dimensão absoluta tem primazia no cotidiano da sala de aula. Fato esse que acontece na formação docente e na prática da sala de aula na educação básica.

O importante na Geografia escolar é realizar o aprendizado para desenvolver as noções de espacialidade, e as habilidades específicas para aprender a interpretar o espaço, para entender o lugar, o mundo, a vida enfim. Diante disso pode-se considerar para que ensinar e aprender a Geografia no Ensino Fundamental (GADOTI, 2003).

Diante da violência que assola as diversas esferas da sociedade, é urgente pensarmos no papel do professor de geografia como participante ativo na mudança desta realidade. Nesse contexto o papel do docente vai além do conhecimento acerca da disciplina, pois sabemos que os conteúdos estão todos na internet à disposição de todos. Hoje a função do professor é ensinar o aluno a pensar e a descobrir onde ele pode encontrar as respostas às perguntas que tem. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea.

A busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos educadores, e partindo desta concepção, entende-se que repensar a ação docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um aluno cidadão, consciente, crítico, ético, criativo e atuante na sociedade em que vive. O ensino de geografia tem como desafio levar os educandos a desenvolver a capacidade de leitura da organização espacial do mundo de modo que estabeleçam uma relação entre estes processos com seu cotidiano, a fim de perceber-se sujeito influente nas transformações do mundo.

A postura do professor será muito importante para que o aluno se reconheça como cidadão capaz de exercer esse papel. Ao trazer para as salas de aula temas atuais, como a violência, as drogas, o racismo, entre outros, o professor terá a oportunidade de proporcionar aos alunos momentos de reflexão sobre a sociedade em que vive e a partir daí perceber-se como parte do todo. Porém, será necessário que essa abordagem aconteça de forma consciente pelo professor, que deve estar preparado para expor os conceitos, suas causas e consequências, buscando desenvolver no aluno o discernimento sobre determinado assunto.

O tema globalização, conceito estruturador da geografia segundo consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1997), deveria ser explorado no sentido de fazer com que os alunos percebam que esta também gera violência, quando fundamentada na competitividade e desrespeito à pluralidade cultural. A globalização que não é uma opção para a sociedade, mas um fato imposto pela própria evolução do mundo. Porém, é preciso perceber e compreender as influências desta em nossa vida pessoal, familiar e social.

Em relação à utilização das TIC's (Tecnologia da Informação e Comunicação), o professor deve evidenciar como os usos dessas ferramentas são importantes para a obtenção do conhecimento, porém deve também ressaltar sobre os cuidados que devemos ter ao adquirir tanta informação e em tão pouco tempo. É necessário desenvolver o senso crítico do educando quanto à banalização da violência que a mídia tenta passar a todo instante, visando apenas lucrar com a miséria e o sofrimento vivenciado na atual sociedade, onde o capitalismo é o principal representante do povo.

### **3. 2. O Planejamento e a Prática Pedagógica do Professor**

O professor precisa superar a postura receptiva e reprodutiva há que se imprimir uma visão investigativa e de pesquisa, ou seja, o professor deve estar sempre aberto a novas informações, ser curioso, atuante e principalmente manter-se em constante estágio de formação continuada. Porém, para que se possa sistematizar e selecionar os conhecimentos adquiridos através da investigação e pesquisa faz-se necessário planejar suas ações.

O desafio é colocar essas informações num contexto e produzir um quadro de análise com referenciais teóricos que permitam organizar o conhecimento. No entanto, não se pode deixar de considerar a velocidade das transformações comparada com a lentidão da estrutura de ensino, seja do ponto de vista material (mapas, revistas, globos,...), ou dos recursos humanos (formação continuada dos professores, por exemplo) (NÓVOA, 1995).

Considerando o contexto atual, a concepção de Geografia adotada e o valor educativo, cabe ao professor estabelecer as linhas do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que ele possui a dimensão técnica e pedagógica do ser e fazer profissional. Portanto uma metodologia pontuada apenas na transmissão ou repasse de conteúdos não é mais suficiente para trabalhar a educação geográfica. Kaercher (2003) nos diz que é fundamental que o educador saiba ouvir, induza as discussões, faça provações e proponha novos temas a partir das informações proporcionadas pela mídia.

[...] questionar o que a mídia apresenta é fundamental, pois, sem dúvida, qualquer criança ou adolescente passa horas em frente à televisão. Mas também é fundamental que se organize o que eles dizem, isto é, nossa tarefa não é apenas provoca-los a falar sobre as coisas. É preciso organizar, sistematizar o que se fala, (...) O papel essencial do professor nesses momentos é o de aprofundar as discussões. Isso implica trazer material, novos textos, esclarecer dúvidas, pedir para o aluno repetir ou explicar melhor uma determinada fala, etc (KAERCHER, 2003, p.140).

Assim sendo, é por meio da pesquisa que o professor juntamente com seus alunos poderá problematizar a realidade a partir da análise do espaço construído. As informações que chegam através de diversos meios de comunicação exigem um profissional constantemente atualizado, capaz de re-significar cientificamente as informações adquiridas por meio dos diversos veículos.

Desta forma, podemos afirmar que para ser um bom profissional faz-se necessário, além de ter postura investigativa e de pesquisa, que o professor saiba planejar suas ações. Não basta apenas ter conhecimento de um amontoado de assuntos, é necessário saber o que?, para que? e para quem se vai ensinar? Daí a necessidade da organização e seleção dos conteúdos a serem trabalhados. Tal ação só se faz possível com planejamento por parte do professor.

Planejar no campo educacional significa elaborar um plano de intervenção, num processo contínuo, dinâmico e permanente de reflexão e tomada de decisão para posterior prática e elaboração do plano. Planejar é antecipar mentalmente um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Portanto, o planejamento é uma mediação teórico-metodológica, para a ação consciente e intencional. De acordo com Masetto (2003, p.43), no planejamento realizado pelo professor, algumas premissas são fundamentais:

1) A necessidade de conhecer a disciplina em seus aspectos teórico- metodológicos, tendo o domínio conceitual; 2) a dimensão pedagógica de o seu fazer profissional; 3) a referência da Diretriz Curricular da disciplina; 4) a necessidade de conhecer os documentos oficiais, dentre os quais destacamos o Plano Político Pedagógico da escola e 5) o contexto em que está se insere. Nesse sentido, deve o professor incorporar o cotidiano de seus alunos no planejamento escolar.

O que é importante haver sempre em um planejamento é a possibilidade de inserção do inesperado, isto é, de inserir temas não previstos que ganhem importância a partir de algum fato inusitado, muitas vezes motivadores do aprendizado em função da massificação dos meios de comunicação.

O planejamento de uma disciplina não pode ser considerado uma camisa-de-força, que retira a liberdade de ação do professor. Ao contrário, um planejamento traz consigo a característica da flexibilidade. Qualquer plano para ser eficiente precisa ser flexível e adaptável a situações novas ou imprevistas (MASETTO, 2003, p.176).

Para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, é necessário selecionar e organizar os conteúdos mais significativos e relevantes. A leitura do mundo, do ponto de vista de sua espacialidade, demanda a apropriação pelos alunos de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e questionamento da realidade sócio espacial. Não adianta transmitir os conceitos previamente definidos, mas sim propiciar as condições para que o aluno possa formá-los. Isso pode ocorrer através dos saberes e experiências que os alunos já trazem para a sala de aula a partir de seus cotidianos. Kaercher (2004, p.87) nos fala que há possibilidades e alternativas diversas, basta sermos criativos e amarmos o que fazemos.

[...] sei que a maioria de nós professores trabalha em escolas pobres, com poucos recursos materiais, mas como disse, podemos pegar o material de jornais e revistas, ir montando um banco de imagens. Pés no chão, tão importante quanto o material é a criatividade. Sim, isso não exclui a luta que devemos fazer para que nossas escolas sejam mais bem equipadas e nós professores melhor tratados. Mas, não é a foto ou o material que vai garantir a aula e sim as questões que você propuser para a garotada. O negócio é pôr fogo na turma.

Tais atividades exigem profissionais comprometidos com o ensino e que buscam respostas, mesmo que parciais que contribuam para a compreensão das transformações que ocorrem no mundo em toda sua complexidade.

A partir dos estudos feitos pode-se afirmar que a função do planejamento é tornar a ação clara, direcionada e, especificamente no ensino da Geografia deve ser transformadora. Visto que o objeto de estudo da Geografia hoje é a análise de como o homem apropria-se do espaço em que vive e de como produz e o organiza. Sendo assim, o planejamento do trabalho deve possibilitar ao educando intervir na sociedade, alterando e reescrevendo o rumo da história.

Dessa forma, o professor está exercendo bem seu ofício quando leva em conta que os alunos, principalmente do ensino fundamental, estão passando por uma fase de transição onde começam a deixar a vida privada familiar para ganhar o mundo e tornar-se cidadão pleno,

indivíduos criativos e independentes que pensam por si mesmos, capazes de identificar e responder as perguntas com que o futuro imprevisível os desafiar. Para tentar entender precisa-se de correlacionar a Geografia com o cotidiano dos estudantes.

### **3.3. A Geografia e o Cotidiano do Estudante do Ensino Fundamental**

Com a globalização mundial, as crianças desde muito cedo tem acesso a vários tipos de mídias, e o acesso a redes digitais é apontado por especialistas como um meio indispensável de desenvolvimento social, considerando que a dinâmica da comunicação faz parte de uma gradativa reforma do sistema educacional a fim de romper modelos pedagógicos desatualizados e criar um novo cenário para a educação, mas utilizar tais recursos requer redimensionamento nas metodologias de ensino no que se refere a concepções de tempo, espaço, professor, aluno, processo de ensino e aprendizagem.

Este contexto digital coloca a criança em um papel bastante dinâmico e aproxima o “resto do mundo” com o “mundo da criança”. Nesta perspectiva precisamos traçar caminhos, entendendo claramente que o mundo globalizado vem transformando o modo dos indivíduos se relacionarem e construírem conhecimento.

A criança e o jovem possuem necessidades biopsicossociais as quais são fatores preponderantes e determinantes para a inserção social, onde estas dizem respeito a seus relacionamentos e a forma que vivem e a que estão expostas e como são tratadas nos ambientes que frequentam.

As necessidades sociais dizem respeito a relação com o meio e com os outros indivíduos, a forma como cada sujeito se comporta e a relação deste comportamento com a vida e o direito dos demais. Parte da satisfação destas necessidades esta baseada nas experiências que esta criança desenvolve na escola de forma que estas são também responsáveis pela formação do seu caráter, por seus valores, por moldar sua personalidade dando as condições necessárias para que o indivíduo seja capaz de emitir juízos de valor de forma segura sobre toda e qualquer situação.

Desta forma, na disciplina de Geografia, as crianças podem desenvolver a habilidade de refletir sobre o lugar em que vivem fazendo relações com outros lugares, levando em conta que convivem com outros ambientes (familiar e escolar), questionam e apresentam suas próprias concepções sobre a natureza e a sociedade.

Conforme Moreira (1999) o grande estudioso suíço Jean Piaget introduziu uma nova concepção dizendo que as crianças não raciocinam como adultos. Elas passam por etapas de

desenvolvimento durante a vida em que vão aceitando gradualmente regras e valores. Para chegar a essa maturidade psicológica infantil utilizam dois mecanismos: assimilação e acomodação. Há em sua teoria, quatro períodos gerais de desenvolvimento cognitivo, a saber: o sensório-motor que vai do nascimento a cerca de dois anos de idade, no qual a única referência comum e constante é o próprio corpo da criança.

O próximo é o pré-operacional, que vai dos dois aos seis ou sete anos que por meio da linguagem, dos símbolos e imagens mentais, inicia-se uma nova etapa do desenvolvimento mental da criança, na qual o pensamento começa a se organizar, embora ainda não reversível.

Aos sete anos, a criança chega à terceira etapa, chamada de operacional-concreto, em que desenvolve a capacidade de pensar no inverso das coisas, a chamada fase dos “porquês”, a criança começa a entender a realidade, os números e as relações e desenvolve soluções para problemas concretos. Segundo Straforini (2004, p.56):

Não se espera que uma criança de sete anos possa compreender toda a complexidade das relações do mundo com o seu lugar de convívio e vice-versa, no entanto privá-las de estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir suas explicações é uma prática que não condiz mais com o mundo atual e uma educação voltada para a cidadania.

Aos 12 anos, a criança atinge o estágio operacional-formal, nesta etapa, já na adolescência, o sujeito consegue discernir lógica e sistematicamente, fazer deduções sem ter apoio em objetos concretos. Nesta idade, começa a capacidade de argumentação e o pensamento hipotético-dedutivo, em que o indivíduo passa a ter noção do que é certo e do que é errado e passa da fase do “é” para o que “poderia ser”. Este período tem como principal característica a capacidade de raciocinar com hipóteses verbais e não apenas com objetos concretos.

Refletir sobre o fato de que a Geografia é um conteúdo curricular escolar permite-nos reconhecer o que é importante de ser ensinado e aprendido, mas para isso reporta-nos discutir sobre seu ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para Straforini (2004, p.82).

A geografia continua assim a assumir nas primeiras séries do ensino fundamental o centro desencadeador no processo de ensino- aprendizagem, pois o problema não está no fato de toma-la como ponto de partida, mas sim no conceito que se tem dessa realidade e de sua escala explicativa.

Então o desafio de cada sujeito é ser integrante da construção de seu espaço, de sua história e de sua sociedade, pois acreditasse que os principais motivos que levam a considerar

a importância de se aprender a Geografia já nas series iniciais é conhecer (e compreender) o mundo de forma sistematizada. Conforme Santos (1997, p.121):

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isso significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro.

Considera-se, a Geografia escolar um conhecimento significativo para a vida dos sujeitos que aprendem a pensar o espaço. Para tanto é necessário que a criança aprenda a ler o espaço, de modo que ela possa perceber e se reconhecer em seu espaço vivido. Estudar a realidade circundante é buscar o entendimento do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo (PONTUSCHKA, 2007).

O grande desafio da Geografia escolar para a compreensão de mundo é, portanto, como fazer a leitura do lugar, como compreender o contexto em que se insere a escola, como entender o cotidiano dos mesmos. Para isso é preciso saber queo estudo desta disciplina proporciona as crianças em seu nível de conhecimento, a oportunidade de perceber o lugar em que vivem, podendo fazer relações com outros lugares, fazendo questionamentos e apresentando suas próprias concepções sobre a natureza e a sociedade. São vários conteúdos que as crianças podem aprender no ensino de geografia, tais como:

- Descrever, Representar e construir explicações, observar e compreender as diferentes manifestações da natureza a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social.
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos de diferentes grupos sociais. Utilizar a observação e a descrição na leitura direta e indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral. Reconhecer no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia.
- Representar os lugares onde vivem, fazendo comparações com o todo.

Segundo Chauí (1993, p. 10-11):

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tornar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas.

Identifica-se, por isso, que as crianças muitas vezes são individualmente diferentes entre si em alguns aspectos, mas em outros modos de serem elas são semelhantes. Portanto, é necessário considerar o aluno como sujeito do processo ensino-aprendizagem, e analisar a relação conteúdo-método no ensino, os recursos e linguagens envolvidas conforme o nível de abstração dos conceitos de acordo com a idade dos alunos.

O conteúdo geográfico também deve considerar em conjunto os aspectos físicos, humanos, econômicos, que poderiam ser relocalados sob forma mais complexas e globalizantes, como aspectos culturais, ambientais. Na qual as soluções e/ou caminhos se apresente para uma nova proposta de ensino.

Para Straforini (2004) outro desafio reside na resolução do desencontro teórico-metodológicos da Geografia com a Educação. Fato que possivelmente consiste na incompreensão do construtivismo, do socioconstrutivismo e da geografia crítica, cultural e humanista que chega às escolas de Ensino Básico. Além desses desafios há diversos outros desafios, tais como:

- Alcançar os aprendizados interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinar;
- Desenvolver e internalizar o método “Totalidade Mundo”;
- Construir autonomia (educandos e educadores);
- Organizar o espaço-tempo de aula;
- Utilizar os livros didáticos como complemento às atividades didático-pedagógicas;
- Ultrapassar a concepção de professor para alfabetizador – “Alfabetização Cartográfica”;
- Espaço vivido – espaço percebido – conceber um “espaço geográfico mais humanizado”.

Assim percebemos que o ensinar geografia na sociedade de hoje exige do professor atitudes que lhe possibilitem embasamento para distinguir as mudanças do mundo contemporâneo, considerando uma teoria que responda ao conhecimento do mundo, analisando assim as transformações, os questionamentos e as críticas, que as novas tecnologias os impõem como meio à compreensão do espaço vivido no âmbito de tornar eficaz o pensar geográfico, avaliando suas práticas, de acordo com a realidade do aluno e as ferramentas disponíveis para exercer o conhecimento em sala de aula, de forma mais didática possível.

Dessa forma, as políticas públicas e investimentos privados precisam propiciar condições de trabalho para que esses profissionais continuem, ou melhor, insiram nos processos de formação continuada

#### **4. EXPERIÊNCIA PESSOAL COMO DOCENTE**

Atualmente diante do intenso processo de globalização que interliga todos os lugares, não se pode correr o risco de estudar determinado lugar sem considerar o contexto em que se insere. As novas dimensões de tempo e espaço que interferem na organização das populações exigem novas formas de interpretar o mundo e cada lugar. Se considerarmos que o espaço e o tempo são dimensões materiais fundamentais da vida humana, e tanto o espaço como o tempo tem sido transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação é necessário que se considere no estudo da Geografia, esses elementos.

Conforme Castells, (1997), isso remete a um espaço de fluxos e um tempo atemporal, cujas combinações daí decorrentes precisam ser consideradas para estudar Geografia. Os processos de globalização criam novos espaços, definem outros tempos e a velocidade se constitui como um novo parâmetro. Isso tudo se expressa através de novas formas de viver, de entender o mundo, de novas culturas, novas identidades, novas territorialidades.

No início da escolarização, a geografia se apresenta com um conteúdo significativo para a criança conhecer o espaço em que vive e perceber o seu contexto em escalas diversas, como a região, o país e o mundo (escalas local, regional, nacional e global). Estudar o lugar, conhecer os espaços de convivência, saber como realizar a observação, aprender a fazer a representação desses espaços são conteúdos significativos e no que dizem respeito ao desenvolvimento de habilidades específicas da Geografia, que tem uma função no conjunto do currículo escolar (D´SPINDOLA, 2011).

O mesmo autor considera que, a alfabetização cartográfica e a iniciação geográfica permitirão que o aluno desde o início da sua presença na escola, aprenda a ler o espaço a partir do entendimento do lugar em que ele vive. E nesse caminho é fundamental construir um quadro de referências gerais que lhe permitam usar das ferramentas adequadas para interpretar, analisar e exercitar a crítica das configurações territoriais que lhe dizem respeito ao estudo de geografia.

Para além da contextualização da Geografia no conjunto dos conteúdos escolares nesse nível de escolaridade há outro ponto importante que é o de estabelecer as bases para estudar a geografia nos anos seguintes do Ensino Fundamental e Médio. Nesse momento em que as crianças assumem o seu lugar na escola, instituição formal, que trabalha com o conhecimento

científico e que tem início o processo de socialização e de formação, é importante reconhecer qual o papel da Geografia como um dos componentes curriculares (RODRIGUES, 2012).

É nesse nível de ensino que os conceitos decorrentes da Geografia podem ser desenvolvidos, dando início ao processo de conhecimento, que pode subsidiar a formação dos sujeitos. Estabelecem-se as bases do conhecimento a partir desse nível da escolaridade e do desenvolvimento dos conceitos que a cada ano podem ser mais complexos. Segundo Callai (2005, p. 236).

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades.

Para isso entender como o ensino se desenvolve nos permite analisar como vêm ocorrendo às transformações no espaço-tempo e como são apresentadas no ensino fundamental.

Esta pesquisa bibliográfica a respeito do ensino de geografia no ensino fundamental foi motivado pelas observações, das inquietações e vivências particulares da pesquisadora, por isso, há a necessidade de uma breve contextualização desta experiência pessoal do ensino e do amor que fez com que fosse feita a escolha da geografia como formação acadêmica na graduação.

Nos meus primeiros anos de escola, foi no interior, escola particular, onde naquele período não se tinha nenhuma idéia do que seria estudar, ou para que se precisava estudar, tinha apenas o dever de frequentar as aulas, obedecer a professora, e aprender ler e escrever, sem ter noção para que seria aquele aprender, mas no transcorrer dos anos fui entendendo que aprender e se comunicar por escrito seria de grande utilidade. E daí minha rotina continuou até que, sem terminar o ensino fundamental, precisei parar e começar a trabalhar para ajudar nas despesas de casa.

Aos 14 anos, tive que ministrar aulas na zona rural, onde tudo era difícil, sem nenhum apoio pedagógico, ou por parte de uma coordenação, apenas me atentava para o qual era apresentado nos livros do professor, dali tirava as lições e repassava aos alunos que em um único horário era ministrado aulas multicriadas, mas naqueles anos os professores eram obedecidos, respeitados e admirados pela sua atuação. Era um jogo de cintura, pois não se tinha noção do que poderia ser um planejamento da aula. E nessa experiência, trabalhei

durante 15 anos, concluir o ensino fundamental através do supletivo, que era provas aplicadas em 02 dias seguidos.

Em 2001 voltei a estudar o ensino médio, foi quando, fui fazendo distinção entre uma matéria e outra, vendo a importância que cada uma tinha em nossa vida, e foi aí que percebi a geografia como uma alternativa para que podéssemos salvar o planeta, pois sempre fui apaixonada pela natureza, mas quando ingressei na Universidade, foi que vi a diferença gritante entre uma geografia ensinada nas séries iniciais e uma geografia mais voltada para nossas ações sobre o planeta que, pelas nossas ambições se encontra em estado de alerta.

Hoje ao realizar estágios nos ensinos de nível fundamental e médio percebe-se que os alunos estão mais participativos por entenderem melhor a matéria que lhes é aplicada em sala de aulas, mesmo com tantas deficiências que se nota na política educacional, existem profissionais que acreditam em um amanhã mais saudável, mas ainda falta muito para se ter um estudo voltado completamente para a realidade propriamente dita.

Hoje os alunos estão mais ativos, pois sua inteligência é incentivada com tantas informações advindas rapidamente e de lugares distantes, porém, pode nos trazer indagações, onde tiramos tantas informações que tudo permanece igual para eles que nem sempre percebem as mudanças que ocorrem ao nosso redor.

No último estágio realizado, mostramos tantos lugares modificados pelo homem, e todos eles assistiam com maior interesse, a professora regente pediu para que cada um escrevesse o que tinham entendidos em nossa aula, e foram tantos relatos de elogio, de como tinham aprendido em muito o que tínhamos exposto a eles.

Quando fizemos a regência no terceiro estágio, percebemos que os alunos de hoje são bem mais informados sobre geografia, pois percebe-se que a desenvoltura é bem marcante, enquanto nos anos 70 e 80, os alunos não tinham como tirar as dúvidas, por não entender o que era explicado em geografia pelos docentes naqueles anos.

Atualmente os alunos tem uma atenção maior pela vivência e pelas informações que tem nos canais de comunicação. Portanto, é necessário empenho e responsabilidade das equipes envolvidas expressando a síntese das exigências legais e sociais do sistema de ensino e nas expectativas da comunidade escola. A observação das aulas nas turmas no ensino médio, nos proporcionou uma visão e conscientização do papel do educador, pois comparando a didática usada pela professora, a forma como a escola está organizada na sua gestão e planejamento e os conteúdos debatidos com a realidade do aluno, nos dá o embasamento e conscientização de qual o tipo de profissional seremos no futuro.

A prática pedagógica é uma realidade que nos fez entender que a teoria e prática estão lado a lado, mas com aspectos diferentes, pois na teoria usamos a imaginação para entender o conhecimento científico e a prática nos coloca frente a realidade dita como um todo e sabemos que assim devemos nos aprimorar para uma regência educacional com sucesso e que possamos transmitir um conhecimento com segurança.

O saber e a competência, se constrói com teoria e prática, a atividade teórica de forma individualizada não leva a transformação da realidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Geografia do ensino fundamental, pode-se encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de se conhecer como cidadão e de ser agentes atuante na construção do espaço em que se vive.

É importante que o educando participe do processo de produção do conhecimento a partir de sua vivência, no qual o papel do professor passa de transmissor para mediador na construção do conhecimento. Foram tantos anos, tantas experiências e a percepção de que tudo era essencial para meu aprendizado como criança iniciando meus conhecimentos no mundo da educação.

A alfabetização vai além da aquisição somente em ler e escrever, sendo necessário preparar o aluno, lá onde tudo se começa nas séries iniciais para uma leitura crítica do mundo futuro.

Este estudo possibilitou ver que muito ainda há por fazer dentro do ensino da geografia no ensino fundamental, que é preciso que todos os envolvidos, sejam docentes, governantes e toda sociedade, estejam conscientes do seu papel na formação de novos cidadãos, que repensem todo contexto ambiental, seja no espaço ocupado, na preservação, desenvolvimento sustentável, para que as futuras gerações tenha a possibilidade de viver em um mundo melhor.

O ensinar a geografia na sociedade de hoje exige do professor atitudes que lhe possibilitem embasamento para distinguir as mudanças do mundo contemporâneo, considerando uma teoria que responda ao conhecimento. Considerando, assim que no ensino fundamental o ensino da Geografia promove uma alfabetização geográfica, ou seja, cria maneiras para que as crianças leiam. Esta pesquisa tem o intuito de inspirar novas investigações sobre a importância do ensino da Geografia. Enfim, a geografia, nos anos iniciais da escolarização, pode, e muito, contribuir com o aprendizado da alfabetização, uma vez que encaminha para aprender a ler o mundo.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Geografia - ensino de primeira à quarta série**. Brasília. MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, Helena Copetti .**Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CASTELAR, Sonia Maria Vanzella. **O Ensino de Geografia e a formação Docente**. In: PESSOA, Ana Maria Carvalho (Org.) **Formação de professores: articulando os conteúdos específicos**. São Paulo: Contexto 2005.
- CASTELLS, Manuel. **La era de La información - Economía, Sociedad y Cultura**. Vol. 1 La Sociedad Red. Madrid, 1997.
- CASTROGIOVANI, Antonio Carlos et al. **A Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre:UFRGS / Associação do Geógrafos- Seção Porto Alegre,1999.
- CAVALCANTI Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CEDES caderno; **Ensino de Geografia**. São Paulo: Papyrus,n.39,1996.
- CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho et al. **A Trajetória da LDB: um olhar crítico frente à realidade brasileira**. Bahia: 2011. Disponível em:< 100 [http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/aliana\\_georgia\\_carvalho\\_cerqueira.pdf](http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/aliana_georgia_carvalho_cerqueira.pdf)>
- CHAUÍ,Marilena(1993), **Cultura e Democracia**, 6ºed.,São Paulo; Cortez (1º ed.1989).
- CUNHA, Luiz Antonio; GÓES, Moacyr de. **O Golpe na Educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Formação e Conhecimento: Perspectivas Filosóficas e Sociológicas**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, v. 19, n. 3, p. 603-629, 2014.
- DOURADO, Luiz Fernandes. **Reforma do estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90**. Educ. Soc., Campinas, 2001. v. 23, n. 80, p. 234-252
- D´SPINDOLA, Vamilson Souza. **A geografia no início da escolaridade**. 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-geografia-no-inicio-da-escolaridade/74421/>> Acesso em: 18 out. 2015.
- DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**, 2013. Disponível em: < [dowbor.org/blog/wp-content/uploads/2001/.../13-TecnDoCnh2013.doc](http://dowbor.org/blog/wp-content/uploads/2001/.../13-TecnDoCnh2013.doc)>. Acesso em: 13 Jan. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação.** In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria. Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

GEBRAN, A. Raimunda, **A Geografia no Ensino Fundamental – Trajetória Histórica e Proposições Pedagógicas.** UNOESTE. São Paulo. 2003.

GRACINDO, Regina Vinhaes, **LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares,** Iria Brzezinski (org.), São Paulo: Cortez, 2008.

KAERCHER, Nestor A. **A Geografia serve para entender a água, o sangue, o petróleo ... serve para entender o mundo, e, sobretudo, a nós mesmos!** (p. 104-112) In: Ciência Geográfica, n.1. Bauru: AGB/Bauru, jan. 2003

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo : Loyola, 1990.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. **A estabilidade do currículo disciplinar: o caso das ciências.** In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (Org.). Disciplinas e integração curricular: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 73-94.

MARQUES, Valéria. **Reflexões sobre o ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental.** Disponível em: < <http://www.partes.com.br/educacao/geografiafundamental.asp>> . Acesso em: 15 jan. 2016.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

NÓVOA, Antonio (org.). **Profissão Professor.** Porto: Porto Editor, 1995, p.16.

PEREIRA, Diamantino. Geografia Escolar: uma questão de identidade. **Cadernos CEDES: Ensino de Geografia,** nº 39, Centro de Estudos, Educação e Sociedade, Campinas: Papirus, 1996.

PIAGET, J. **A epistemologia genética.** Petrópolis: Vozes, 1971 (1970).

PONTUSCHKA, Nidia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Lyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação-serie ensino fundamental).

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio na totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, - 2º edição, 2008.

STRAFORINI, Rafael,. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

RIGONATO, Valney D. **O Ensino De Geografia Nas Séries Iniciais: Uma Proposta E Os Seus Desafios.** VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia: Fala Professor, Uberlândia – MG, junho/2007.

RODRIGUES, Sandra Salete Torman. **Considerações Sobre Geografia No Ensino Fundamental: Habilidades e Competências.** Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura de Geografia/Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI, Erechim - RS, 2012.

SACRISTAN, J. Gimeno. **Aproximação ao conceito de currículo.** In: \_\_\_\_ O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto alegre: ArtMed, 2000,p. 13-87.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora Huitec, 1997, p.121.

VESENTINI, J.W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI.** São Paulo: Plêiade,2009.

VLACH, V. R. F. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica.** In: VESENTINI, J. W. (org.). O ensino de Geografia no século XXI. Campinas: Papirus, 2004, p.187-217.

ZOTTI, Ap. Solange. **Sociedade, Educação e Currículo no Brasil ? dos jesuítas aos anos de 1980.** Campinas: Autores Associados, 2004.